



NAS ENTRELINHAS

por Alon Feuerwerker

e-mail alon.feuerwerker@correioweb.com.br



Editoria de Arte/CB

Troca de tutela no Senado

Era uma vez um tempo em que o assim chamado "PMDB do Senado" reinava glorioso no Planalto Central. Corria o primeiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva. O "PMDB do Senado" era o fiel da balança na sustentação política do governo. Foi o "PMDB do Senado", por exemplo, que adiou em um ano a instalação da Comissão Parlamentar de Inquérito dos Bingos, ao não indicar representantes para a CPI.

Foi também o "PMDB do Senado" que inviabilizou a candidatura própria do PMDB à Presidência da República, ao derreter em ácido o ex-governador do Rio Anthony Garotinho. Tivesse Garotinho conseguido a legenda, Lula certamente teria um segundo turno bem mais complicado do que foi. Lula derrotou Geraldo Alckmin com alguma facilidade na segunda rodada também porque faltaram alianças e ícones populares-progressistas ao tucano.

Foi também o "PMDB do Senado" que deu na Câmara dos Deputados votos essenciais para o sucessor de Severino Caivalcanti (PP-PE) não ser alguém comprometido com a tentativa de fazer o impeachment de Lula. Mas agora isso já é assunto para os livros de História. O ocaso político da Presidência de Renan Calheiros (PMDB-AL), ao lançar luz sobre a morte em vida do "PMDB do Senado", descontina um cenário novo na articulação do governo no Congresso Nacional.

A coisa na Câmara dos Deputados está razoavelmente bem resolvida, com a clara hegemonia do PT, com a solidez de uma base fiel que sobre-

viveu ao inferno, com a adesão do "PMDB da Câmara" e com o beneplácito de uma oposição cuja capacidade de fazer ruído é apenas a outra face da docilidade com que permite ao governo conduzir a agenda. No Senado, porém, o ainda fiel da balança PMDB vive uma situação humilhante.

O PMDB vê o seu principal líder ser abatido por uma aliança entre a oposição e o PT. Além disso, tangido pela opinião pública, precisou reconvidar os seus senadores Jarbas Vasconcelos (PE) e Pedro Simon (RS) para a mesma Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) de que os havia ejetado. A explicação do PMDB para removê-los da CCJ era que ambos votavam sistematicamente contra o governo. Eles irão votar diferente agora? Difícil. Mesmo assim, o PT de Lula, coluna vertebral do governo, esteve na linha de frente da pressão para fazer o PMDB recuar do exílio interno a Jarbas e Simon.

Até a crise que engoliu Renan Calheiros, o que sustentava o governo no Senado era a aliança entre o PMDB e o PT. Toda aliança é definida em oposição a algo ou alguém. PMDB e PT uniram-se nos últimos anos no Senado em oposição ao eixo PSDB-DEM. Agora, depois que o PT alinhou-se alegremente à oposição nos movimentos decisivos para a liquidação da Presidência de Renan Calheiros, é razoável supor que as relações entre ambos no Senado vão, no mínimo, passar por uma redefinição. Assim como um casal que procura ajuda especializada quando um dos dois pulou a cerca, talvez esteja na hora de petistas e peemedebistas no Senado buscarem um terapeuta.

O poder tem o condão de cicatrizar rapidamente as feridas, ainda que as da alma nunca sarem completamente. O cenário que se vislumbra no curto prazo para o governo no Senado é uma presidência petista, mas limitada pelo poder de fogo da oposição. E o que fará agora a oposição? Vai exibir sua face "institucional" para ajudar o governo a aprovar a CPMF e, assim, isolar e enfraquecer mais ainda o PMDB? Ou vai para o tudo ou nada?

Olhando para as figuras de proa no PSDB e do DEM no Senado, é difícil apostar na alternativa radical. Discurso radical demais não combina com o poder. Após estraçalhar a aliança PMDB-PT, o PSDB e o DEM têm diante de si uma avenida aberta. Com a morte do "PMDB do Senado", está vago o cargo de tutor palaciano, à espera de que tucanos e democratas o ocupem.

**O QUE FARÁ AGORA
A OPOSIÇÃO?
DISCURSO RADICAL
DEMAIS NÃO
COMBINA COM
PODER. APÓS
ESTRAÇALHAR A
ALIANÇA
PMDB-PT, O
PSDB E O DEM
TÊM DIANTE DE
SI UMA AVENIDA
ABERTA**